

**ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DO SUL DO SUL:
DAS HIPÓTESES DA SOCIOANÁLISE ÀS HIPÓTESES DE UMA
ANÁLISE LINGÜÍSTICO-SOCIODISCURSIVA DE NARRATIVAS
DE VIDA DE GRUPOS MINORITARIZADOS**

Cleide Emília Faye Pedrosa (UFS)
cleideemiliafayepedrosa@gmail.com

RESUMO

Através deste artigo, atualizaremos a proposta da “narrativa do eu”, exposta pelo sociólogo Bajoit (2012) sobre a temática da Socioanálise e suas hipóteses analíticas. Assim, seu objetivo é recontextualizar, para aplicação na Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso, a orientação analítica das hipóteses da Socioanálise. Essa teorização é direcionada para estudar a relação de socialização do sujeito na gestão da (re)constituição de sua identidade individual. Em consonância com o sociólogo referido, a Socioanálise procura re/desvelar como se constrói, na vida do sujeito, a prática das relações sociais, logo como esses sujeitos se constituem como atores sociais. Esse caminho nos ajuda a apreender diferentes sujeitos vivenciando relações sociais similares e a forma como se constituem atores sociais diferentes, isto é, como constroem para si identidades tão diferenciadas ao gerirem mudanças sociais e culturais em suas vidas.

Palavras-chave:

Socioanálise. Sujeito. Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso.

ABSTRACT

Through this article, we will update the proposal of the “narrative of the self”, exposed by the sociologist Bajoit (2012) on the theme of Socioanalysis and its analytical hypotheses. Thus, its objective is to recontextualize, for application in the Sociological and Communicational Approach to Discourse, the analytical orientation of the hypotheses of Socioanalysis. This theorization is aimed at studying the subject's socialization relationship in the management of the (re)constitution of his individual identity. In line with the said sociologist, Socioanalysis seeks to re/unveil how the practice of social relations is constructed in the subject's life, thus how these subjects constitute themselves as social actors. This path helps us to apprehend different subjects experiencing similar social relationships and the way in which different social actors are constituted, that is, how they build such differentiated identities for themselves when managing social and cultural changes in their lives.

Keywords:

Socioanalysis. Subject. Sociological and Communication Approach to Discourse.

1. Contextualização: objetivo e o que pretendemos

O objetivo deste artigo é recontextualizar, para aplicação na Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso, a orientação analítica das hipóteses da Socioanálise. Essa proposta socioanalítica foca na relação de socialização do sujeito em seu trabalho de (re)constituição de sua identidade individual. Seu desenvolvimento se deve ao sociólogo belga Guy Bajoit¹ e está situada no campo da Sociologia para a Mudança Social – SMS. Em consonância com o sociólogo referido, a Socioanálise procura re/desvelar como se constrói, na vida do sujeito, a prática das relações sociais, logo como esses sujeitos se constituem como atores sociais. Esse caminho nos ajuda a apreender diferentes sujeitos vivenciando relações sociais similares e a forma como se constituem atores sociais diferentes, isto é, como constroem para si identidades tão diferenciadas ao gerirem mudanças sociais e culturais em suas vidas.

Qual será a nossa guinada e qual a contribuição anunciada no objetivo? Primeiramente, situaremos, para os leitores, as hipóteses da Socioanálise para logo em seguida descontextualizá-las no campo da Análise Crítica do Discurso – ACD, especificamente como sugestão analítica da Abordagem Sociológica Comunicacional do Discurso – ASCD, e a reconstruiremos tendo como ponto de partida as narrativas de grupos vulneráveis ou minoritarizados². E qual a razão para fazermos essa recontextualização? Após utilizarmos em algumas publicações as hipóteses da Socioanálise propostas por Bajoit (2012³ e outras) em projetos de Iniciação Científica e seus respectivos relatórios (a exemplo de PID8541-2020 – “Análise Crítica do Discurso e grupos vulneráveis: narrativas do eu e as construções identitárias do sujeito surdo I” (ALVES, 2021)) e em artigos científicos (a exemplo de “Análise Crítica do Discurso e construção identitária: histórias de vida de sujeitos surdos do curso de Letras Libras da Universidade Federal de Sergipe” e “Um estudo decolonial das (re)construções identitárias do sujeito surdo: narrativas do eu dos discentes do curso de Letras Libras” (ALVES; PEDROSA, 2022, 2023), nos tópicos a seguir do presente texto,

¹ Todas as traduções de Bajoit (2012) são de Marcos Tindo.

² Usamos o termo de acordo com Walsh (2009) e Severo (2013).

³ As referências de 2012 não têm paginação, pois foi material recortado por Bajoit e enviado para Pedrosa por e-mail como concessão de texto inédito cedido pelo sociólogo. Assim, agradeço imensamente a Guy Bajoit, doutor em Sociologia do Instituto de Ciências Políticas e Sociais da Universidade Católica de Lovaina, Bélgica, pelo diálogo que tivemos sobre sua teoria e por, confiantemente, disponibilizar partes de seu livro inédito, *Vers une théorie socio-analytique de la relation sociale*, numa comunicação, por e-mail, em 2012.

expostemos as hipóteses da Socioanálise segundo a proposta sociológica para, na sequência, demonstrar a proposta sob o viés linguístico-sociodiscursivo, atendendo, desse modo, ao objetivo do artigo.

2. Para conhecer as hipóteses da Socioanálise

São listadas pelo sociólogo oito hipóteses (BAJOIT, 2012)⁴:

Primeira hipótese: A prática das relações sociais, ao socializar o indivíduo, leva-o a se engajar em um destino social⁵.

A fim de que não ocorra interpretação errônea sobre “destino social”, o autor explica que “destino social” de um indivíduo seria o seu grau zero social. Explicando melhor: ao começar sua vida, os indivíduos sempre se engajam em um destino social fruto ou resultado direto de sua (primeira) socialização, ou das primeiras relações sociais de seu aprendizado do que é viver em sociedade, seja em família, seja na escola, ou no trabalho.

Para o contexto em pauta, uma relação social, em consonância com Bajoit (2012), é definida

[...] como uma troca entre dois atores (individuais ou coletivos), que despertam neles expectativas culturalmente definidas (eles procuram **finalidades** e esperam **retribuições**) e que se desenrola sob amarras sociais (são recursos e competências limitadas e cada um tende a dominar ao outro e a se defender da dominação dele). (BAJOIT, 2012) (grifos nossos)

O sociólogo ainda defende que uma relação social seria uma maneira de **cooperação** “que conduz à **desigualdade** e que também envolve as expectativas culturais e as amarras sociais”. Se cruzarmos esses fatores, temos o seguinte quadro proposto por por Bajoit (2012).

⁴ Esse tópico do texto já foi publicado no site www.ascd.com.br. Ele aparece aqui com pequenos ajustes.

⁵ “Um indivíduo ‘engaja-se em um destino social’ quando ele não escolhe por si só o seu percurso de vida, quando ele se contenta com responder às expectativas dos outros e segue o itinerário que lhe foi sugerido, ou mesmo imposto, por aqueles que o socializaram: os pais, a escola e o meio social de origem (BAJOIT, 2012).

Quadro 1: As quatro dimensões do conceito de relação social (BAJOIT, 2012).

AS QUATRO DIMENSÕES DO CONCEITO DE RELAÇÃO SOCIAL		Toda relação social desperta expectativas nos atores e se desenrola sob amarras.	
		EXPECTATIVAS CULTURAIS	AMARRAS SOCIAIS
Toda relação social é uma forma de cooperação que tende à desigualdade	COOPERAÇÃO	1. FINALIDADES Cada ator procura finalidades que ele não pode atingir sozinho. Elas são, em parte, o que está em jogo na relação, mas nunca totalmente comuns, conscientes, legítimas e voluntárias.	2. CONTRIBUIÇÕES Para atingir essas finalidades, cada um adquire competências e se proporciona recursos que contribuem para a relação.
	DESIGUALDADE	4. RETRIBUIÇÕES Cada um recebe retribuições; estas são desiguais porque cada um contribui desigualmente, atinge mais ou menos as suas finalidades, exerce ou se defende mais ou menos da dominação do outro.	3. INFLUÊNCIA SOCIAL Cada um dispõe de uma capacidade limitada de impor a sua influência sobre o outro e se defender da dele; portanto, cada um controla mais ou menos as suas finalidades, as suas competências e os seus recursos.

Fonte: Elaborado de acordo com Bajoit (2012).

Assim, o indivíduo, em socialização, busca valorizar algumas finalidades e retribuições e “aprende também a avaliar a sua contribuição e a aumentar a sua influência sobre o outro” a fim de mudar o seu “destino social”.

Mas como, então, explicar uma submissão consentida do indivíduo em permanecer em um destino social? Bajoit explica que um estímulo externo pode despertar uma motivação interna; desse modo, o indivíduo procura meios de lidar com as tensões identitárias. Tomando por base essa explicação, o autor traça o seguinte quadro:

Quadro 2: Resposta do indivíduo ao estímulo externo.

Como explicar a submissão consentida?		Um estímulo externo...	
		Condicional	Intencional
	Expressiva	<i>Identificação pelos afetos</i>	<i>Convicção fundada sobre valores</i>

... desperta uma motivação interna	Instrumental	Habituação tradições	a	Cálculo interesse	oportunista	de
--	--------------	-------------------------	---	----------------------	-------------	----

Fonte: Elaborado de acordo com Bajoit (2012).

No caso, o ator social sempre avalia o que lhe seria menos custoso, se seguir seus interesses ou os interesses dos outros ou de quem o socializou (escola, família, igreja). Nesse contexto, se, voluntariamente, aceita atender mais aos interesses dos outros do que aos seus, é porque calculou que essa demanda lhe seria menos custosa socialmente; dessa forma, o sujeito busca racionalizar suas ações. O que ele ganha com isso é melhor que o que lhe custaria. Mesmo quando um ator social resolve se negar e ser altruísta, também isso repousa sobre o cálculo, pois, ao deixar agradecida a pessoa que recebeu seus préstimos, esse indivíduo estaria preparando o terreno para recompensas futuras, explica-nos Bajoit.

Outro caminho seria quando os sujeitos resolvem valorizar seu grupo de pertença: “é uma maneira de se valorizarem a si mesmos. Daí eles imbuem esse grupo de uma identidade (real ou suposta) e valorizam-na; assim, interiorizam o *habitus*⁶ (Bourdieu) dessa identidade social” (BAJOIT, 2012).

Bajoit (2012) elenca os quatro grandes modos de socialização em que o “Eu” responde às expectativas dos outros por diversos motivos:

- 1- “por *cálculo* (porque é o meu interesse: eu ganho);
- 2- por *convicção* (porque eu compartilho valores comuns com eles);
- 3- por *habituação* (porque isso me dá uma boa imagem de mim mesmo) e
- 4- por *identificação* (porque preciso amar e ser amado)”.

Seguramente, não poderíamos identificar, numa conduta apenas, uma só motivação. Muitas vezes, as motivações são complementares; outras, elas são mesmo contraditórias. Também fica claro que, embora possam ser combinadas, as motivações têm peso distinto na socialização do sujeito.

Em relação aos campos das identidades do sujeito, Bajoit (2006; 2008; 2009; 2012) aponta que elas se (re)constróem em três esferas

⁶ Ver proposta de Bourdieu para *habitus*.

distintas, articuladas com três bens a que o sujeito busca atender: realização pessoal – as identidades se (re)constróem na esfera identitária desejada – EID; reconhecimento social – as identidades se (re)constróem na esfera identitária atribuída – EIA, e consonância existencial (conciliar realização pessoal com o reconhecimento social) – as identidades se (re)constróem na esfera identitária comprometida ou engajada – EIC.

Resumidamente, podemos aceitar, para esta proposta teórica, que “o indivíduo engaja-se num destino social quando ele está antes totalmente preocupado em fazer coincidir a sua identidade engajada com a sua identidade atribuída, isto é, quando ele não é e não faz nada além daquilo que ele crê que os outros esperam dele” (BAJOIT, 2012). O autor indica que há muitos sujeitos que não sentem a necessidade de rejeitar o seu destino social (mesmo não o tendo escolhido) porque esse destino fez, em suas vidas, realmente, coincidir as duas esferas da sua identidade (EIC e EIA). Vejamos nas palavras do sociólogo em tela: “Pode ser também que a sua identidade desejada encontre aí a sua realização; nesse caso, eles gostam do seu destino” (BAJOIT, 2012).

Segunda hipótese: O engajamento no seu destino social desperta nele expectativas relacionais de reconhecimento social e de realização pessoal: algumas são satisfeitas, outras são menos, ou não o são.

Em toda e qualquer relação social, os sujeitos procuram finalidades ou objetivos e para isso terão de colaborar, concorrer, combater ou cortar laços com o outro ou assumir algumas dessas atitudes ao mesmo tempo. Essas finalidades, de acordo com Bajoit (2012), ligam-se a *duas grandes expectativas ou preocupações principais*, quais sejam: reconhecimento social e realização pessoal.

Como expectativa de reconhecimento social, o sujeito busca a aprovação dos outros que lhe são caros (citamos: pais, amigos, professores, familiares), ou mesmo de outros distantes, representados pelas instituições sociais. A esse respeito, Bajoit (2012) nos explica o seguinte:

Sob o domínio do modelo cultural subjetivista, os indivíduos dão uma importância vital à sua realização pessoal; contudo, não podem mais ficar sem o reconhecimento social [...]. O reconhecimento obtido a custo de uma renúncia à sua realização lhes parece um jugo, um fardo que cumprem por dever, na submissão e na frustração. Mas uma realização sem reconhecimento parece-lhes insípida, inútil, até mesmo egoísta [...]. Não há, portanto, hierarquia entre essas duas expectativas: o indivíduo combina-as como pode para as fazer coincidir [...]. (BAJOIT, 2012) (grifo do autor)

A tensão exposta pelo sociólogo revela uma dinâmica social que leva o sujeito a se posicionar de maneira diferente a depender das circunstâncias e também do momento de tomada de decisão.

Terceira hipótese: As expectativas relacionais satisfeitas formam o núcleo central da identidade pessoal; as que ficam insatisfeitas alimentam tensões existenciais nas zonas periféricas dessa identidade.

Conseguir satisfazer as expectativas relacionais, fazendo coincidir sua realização pessoal e, simultaneamente, ter o reconhecimento social do outro, é o grande desafio do indivíduo (I) para se tornar sujeito (S) e ator (A) de sua vida – ISA⁷. Esse processo forma o núcleo central de sua identidade (Z1 – adiante). “Seria (...) *esse desencontro entre a sua expectativa de realização e a sua expectativa de reconhecimento* que estaria na origem dos problemas identitários dos indivíduos de hoje e daqui”, assinala Bajoit (2012). E ainda acrescenta que

[...] a sua luta para reduzir esse desencontro obrigá-los-ia a ser sempre mais sujeitos de si mesmos. E os obstáculos que eles encontram, nesse caminho, as resistências que os outros lhes impõem e, mais ainda, as suas próprias resistências interiorizadas, engendrariam na sua identidade aquilo a que chamei *tensões existenciais* (BAJOIT, 2012, grifo do autor).

De igual modo, quando as tensões existenciais (Z2-Z7 – adiante) forem muito desafiadoras, o sujeito buscará soluções, procurando gerir sua vida, suas tensões existenciais. Esse gerenciamento do sujeito pode passar pela desistência total ou parcial de seu “destino social”. Ele pode se tornar mais sujeito de si mesmo, resolvendo, desse modo, sua tensão. Entretanto, podem, obviamente, ocorrer situações em que as tensões existenciais insatisfeitas continuem alimentando as zonas periféricas dessa sua identidade.

Esta teoria da Socioanálise defende que a identidade pessoal é constituída de três esferas, a saber, as esferas da *identidade atribuída*, da *identidade desejada* e da *identidade engajada*, como anteriormente mencionado.

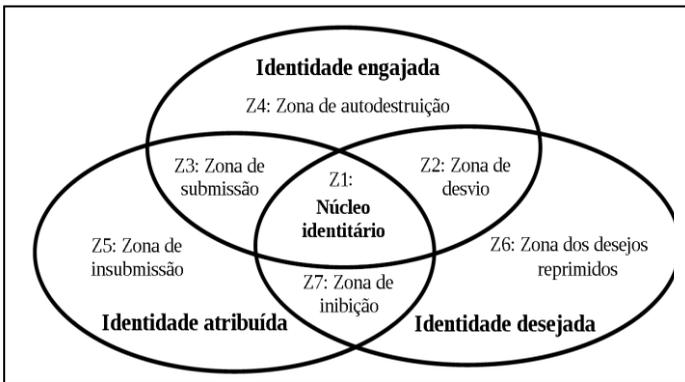
Quando o sujeito constitui seu núcleo identitário (Z1), essas três esferas estão sobrepostas, formando, sempre provisoriamente, esse núcleo. Dessa forma, faz coincidir a IC (o que ele é e faz) com a sua IA (o que ele acredita serem as expectativas alheias) e a sua ID (seus desejos pessoais): “Ele constrói, portanto, esse núcleo sobre as qualidades (o que ele é) e as

⁷ Ver texto de Bajoit sobre o Grande ISA em www.ascd.com.br.

condutas (o que ele faz) que lhe valem ao mesmo tempo o reconhecimento social e a realização pessoal” (BAJOIT, 2012), gerando, desse modo, uma situação de estabilidade social. Logo, à luz da teoria da identidade individual, defendida por Bajoit, podemos afirmar que ser sujeito de si mesmo é (re)construir para si um núcleo identitário tão grande quanto possível for, isto é, criar um núcleo em que as três esferas identitárias coincidam.

Porém, se, no caso, acontecer um embate entre as suas expectativas de reconhecimento social (identidade atribuída) e de realização pessoal (identidade desejada), o sujeito, inevitavelmente, terá de fazer escolhas entre comprometimentos e renúncias, portanto sua identidade comprometida se afastará de uma das outras duas esferas, ou mesmo das outras duas esferas identitárias. Se tal situação ocorrer, as zonas periféricas (Z2 a Z7), que circundam o núcleo identitário (Z1), lhe ocasionarão tensões existenciais, levando o sujeito, impreterivelmente, a questionar seu “destino social”. O esquema a seguir é uma tentativa de representar a identidade pessoal e suas tensões existenciais.

Figura 1: Esferas identitárias e as zonas de tensão.



Fonte: Bajoit (2012).

As zonas de tensão são agregadas em três grandes grupos, a saber: tensão de conformismo; tensão de marginalização e tensão da anomia. Abaixo, esses agrupamentos e sua explicação:

A tensão de conformismo

– A tensão de conformismo pode ser resultado “do que o indivíduo se obriga a ser ou a fazer” com o fito de responder ao que os outros esperam dele, priorizando o reconhecimento social, mesmo ele sabendo (ou sentindo) que isso é contrário aos seus desejos de realização pessoal (Z3: zona de submissão). Exemplo: os sujeitos surdos, de um modo geral, seguem as orientações da família e dos médicos.

– Por outro lado, a tensão também pode vir “do que ele desiste de ser ou fazer”, mesmo respondendo aos seus desejos (conscientes ou inconscientes), mas que ele acredita não atender às expectativas dos outros (Z6: zona dos desejos reprimidos). Exemplo: surdos que desistem de fazer uma graduação com a qual se identificam para fazer o curso de Letras Libras.

– Em um somatório, essas duas tensões produzem na identidade um sentimento de conformismo excessivo: o indivíduo responde excessivamente às expectativas dos outros e não o suficiente aos seus próprios desejos. “Disso resulta uma primeira forma de mal-estar identitário: uma *tensão existencial de conformismo* (entre Z3 e Z6)” (BAJOIT, 2013). Exemplo: surdos que se conformam à sua situação sem lutar por seu protagonismo.

A tensão de marginalização

– A tensão também pode ser gerada a partir “do que ele é ou faz para responder aos seus desejos” de realização pessoal, embora ele creia ou mesmo saiba ser isso contrário ao que os outros almejam dele (Z2: zona de desvio).

– Opostamente, a tensão pode vir “do que ele se recusa a ser ou a fazer”, que responderia àquilo que ele acredita estar atendendo às expectativas dos outros, entretanto ele sabe ser contrário aos seus desejos (Z5: zona de in-submissão).

– As duas tensões (Z2 e Z5), em conjunto, produzem na identidade um sentimento de marginalização em excesso: o indivíduo ocupa-se demasiadamente dos seus desejos e não suficientemente das expectativas dos outros. Disso deriva uma segunda forma de mal-estar identitário: uma *tensão existencial de marginalização*.

A tensão de anomia

– A tensão pode vir também *do que ele é ou faz*, mesmo sabendo ou sentindo que isso é contrário aos seus desejos de realização e contrário também às expectativas dos outros (Z4: zona de autodestruição).

– Opostamente, a tensão seria resultante *do que ele não é ou não faz*, mesmo que isso esteja em conformidade com as expectativas dos outros e com as suas próprias expectativas de realização pessoal (Z7: zona de inibição).

– Em conjunto, as duas tensões causam na identidade uma terceira forma de mal-estar identitário: o indivíduo autodestrói-se ou tolhe-se, agindo tanto contra si mesmo, como também contra os outros. Disso deriva uma terceira forma de mal-estar identitário: uma *tensão existencial de anomia*.

A partir dessas três principais formas de tensão, Bajoit (2012) apresenta o seguinte quadro dos sujeitos resultantes dessas tensões, defendendo que a construção da identidade pessoal é um processo resultante da narrativa do sujeito sobre suas tensões:

Quadro 3: Lógicas do sujeito e construção identitária.

Lógicas do sujeito	Mais comprometido com o reconhecimento	Ligado igualmente a ambos	Mais comprometido com o desenvolvimento pessoal
Tensão de conformismo	<i>Sujeito conformista</i> Evita o desvio social através do conformismo às regras sociais e às imposições das instituições.	<i>Sujeito adaptador</i> Procura, através de várias combinações em suas relações sociais, equilibrar os modos extremos – entre o conformismo e a rebeldia.	<i>Sujeito rebelde</i> Rebela-se porque considera que o que se espera dele socialmente não é legítimo.
Tensão de marginalização	<i>Sujeito altruísta</i> Renuncia a seus projetos em prol do que os outros esperam dele.	<i>Sujeito estrategista</i> Concilia esses dois extremos (seus projetos e o que ele acha que os outros esperam dele).	<i>Sujeito autêntico</i> Dá prioridade a atender aos seus objetivos, desejos.
Tensão de anomia	<i>Sujeito conciliador</i> Tenta combinar escolhas anteriores com modificações ou adaptações que são exigidas diante de	<i>Sujeito anômico</i> Sofre de dissonância existencial. Não consegue conciliar as esferas	<i>Sujeito hedonista</i> Dá prioridade ao prazer, “sê tu mesmo”.

	novas circunstâncias (pragmático).	identitárias atribuída e desejada.	
--	---------------------------------------	---------------------------------------	--

Fonte: Elaborado a partir de Bajoit (2012).

Bajoit (2012) elabora o quadro sem definir cada tipo de sujeito, e nós o completamos com dados de seus trabalhos anteriores. Para que o leitor possa acompanhar esta adaptação, trazemos os quadros anteriores que elaboramos em outros trabalhos e nos quais nos reportamos às definições e explicações que Bajoit traz em suas primeiras perspectivas sobre os sujeitos fragmentados.

Quadro 4: Sujeitos e a tensão existencial.

Sujeito denegado Sofre de uma denegação de reconhecimento social.	Sujeito dividido Sofre de uma denegação de realização pessoal.	Sujeito anômico Sofre de dissonância existencial.
Não consegue conciliar as esferas identitárias comprometida e atribuída. Ele é negado pelos outros: à integridade física; a um tratamento igual (ele é excluído, discriminado, perdendo o respeito próprio); a um lugar na sociedade (marginalizado).	Não consegue conciliar as esferas identitárias comprometida e desejada. “[...] o indivíduo denega-se o direito de tornar-se ele próprio, de realizar as expectativas identitárias que traz consigo” (p. 177). As origens das tensões do sujeito dividido: excesso de altruísmo, denegando-se o direito de ser exigente e até mesmo egoísta; excesso de introversão, negando-se o direito de se exprimir, de se impor; excesso de indecisão, não sabendo o que quer, não consegue se decidir; excesso de coerência, negando-se o direito de ser incoerente, de mudar de opinião etc.; excesso de desconfiança cumulativa pelas denegações anteriores; excesso de vulnerabilidade; excesso de culpabilidade, punindo-se por qualquer fracasso.	Não consegue conciliar as esferas identitárias atribuída e desejada. “o indivíduo interiorizou expectativas culturais de realização, que sabe ou acredita serem incompatíveis com as expectativas dos outros e, portanto, com os constrangimentos sociais. E não consegue: nem fazer com que os outros aceitem suas expectativas, nem a aderir, a fazer seus os constrangimentos instituídos pelas normas sociais” (p. 178).

Fonte: Elaborado com base em Bajoit (2006, p. 175-179).

Anteriormente, nós nos reportamos aos sujeitos que, em razão de não terem reconhecimento social, são classificados como denegados; há, também, nesse contexto de tensões existenciais ou de anulação, os que chamamos de sujeitos divididos, isto é, os sujeitos que sofrem de

denegação de realização pessoal; e, por último, ainda temos os sujeitos anômicos, em que há completa dissonância existencial.

A seguir, trazemos mais um quadro, no qual reportamos os tipos de sujeitos de acordo com seu posicionamento diante das esferas identitárias.

Quadro 5: Resumo dos tipos de sujeito.

SUJEITOS DA ESFERA IDENTITÁRIA DESEJADA – POLO CULTURAL (A busca por realização pessoal)	SUJEITOS DA ESFERA IDENTITÁRIA COMPROMETIDA (A busca pela consonância existencial)	SUJEITOS DA ESFERA IDENTITÁRIA ATRIBUÍDA – POLO SOCIAL (A busca pelo reconhecimento social)
Sujeito altruísta Renuncia a seus projetos em prol do que os outros esperam dele.	Sujeito consequente Em relação a um projeto em específico, arca até o fim com as consequências do que escolheu para sua vida.	Sujeito conformista Evita o desvio social através do conformismo às regras sociais e às imposições das instituições.
Sujeito estrategista Concilia dois extremos (seus projetos e o que ele acha que os outros esperam dele).	Sujeito pragmático Tenta combinar escolhas anteriores com modificações ou adaptações que são exigidas diante de novas circunstâncias.	Sujeito adaptador Procura, através de várias combinações em suas relações sociais, equilibrar os dois modos extremos, entre o conformismo e a rebeldia.
Sujeito autêntico Dá prioridade a atender aos seus objetivos, desejos.	Sujeito inovador Avalia quando deve recuar e começar do zero; é mais adaptável diante das relações sociais e dos seus objetivos.	Sujeito rebelde Rebela-se porque considera que o que se espera dele socialmente não é legítimo.

Fonte: Bajoit (2006; 2008).

Comparando-se os quadros, se verifica que houve uma redução de alguns tipos de sujeito para essa nova proposta de Bajoit (2012). Esse quadro atual (quadro 5) cruza dois aspectos para classificar os sujeitos: as zonas de tensão (conformismo, marginalização e anomia) e os bens/finalidades (reconhecimento social, realização pessoal e consonância existencial) que o sujeito busca atingir.

Como anunciado, esta proposta de recontextualização das oito hipóteses da Socioanálise faz parte da ASCD; desse modo, se faz necessário apresentar essa abordagem.

3. *Situando a Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso – ASCD*

Como articuladora principal da ASCD, já aplicamos as hipóteses da Socioanálise em alguns artigos e projetos de pesquisa (como pontuado na introdução deste texto), contudo, recentemente, sentimos a necessidade de atualizar a proposta para que atenda melhor às demandas de uma análise que contemple o campo teórico e metodológico da ACD.

Um resumo da ASCD: ela é uma abordagem da Análise Crítica do Discurso surgida em 2011, na UFRN, logo uma abordagem decolonial do Sul do Sul⁸. Propusemo-nos, inicialmente, com a Sociologia para a Mudança Social – SMS e a Comunicação para a Mudança Social – CMS, tendo o foco na mudança social, aspecto tão caro à ACD. Também fizeram parte dos diálogos iniciais as perspectivas dos Estudos Culturais. Atualmente, acrescentamos a Luta por Reconhecimento, da Filosofia Social. Então, juntamente com os estudos sobre mudança social, investimos em estudos dos sujeitos e suas identidades, relações de poder, entre outros que podem ser acessados em www.ascd.com.br para a leitura de vários textos fundadores e textos de aplicações dessas propostas.

4. *As hipóteses de narrativas de vida: Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso e grupos minoritarizados*

Considerando narrativas de vida de grupos vulneráveis e sua articulação com as hipóteses levantadas por Bajoit (2012), tomando como base o quadro teórico-metodológico da Análise Crítica do Discurso e a Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso, que no seu nascedouro já promovia profundos diálogos com a SMS, desenvolvemos o seguinte quadro.

Quadro 6: Resumo das hipóteses da Socioanálise e processo de recontextualização para as hipóteses de análise linguístico-sociodiscursiva para grupos minoritarizados.

HIPÓTESES DA SOCIOANÁLISE	PROCESSO PARA A CONSTRUÇÃO DAS HIPÓTESES DA ANÁLISE LINGÜÍSTICO-SOCIODISCURSIVA
<i>1. Atribuição de um “destino social”</i>	1- Identificação das primeiras socializações. Queixas das amarras sociais. Atribuição de “destino social” pela desigualdade social de seu grupo de pertença.

⁸ Utilizamos “Sul do Sul” em referência ao proposto por Boaventura de Sousa Santos (2010).

	Identificação de queixas das amarras sociais devido à desigualdade social de seu grupo de pertença.
2. Formação das expectativas relacionais	2- (Re)constituição das identidades individuais central e periférica dos sujeitos ao responderem às expectativas relacionais.
3. Formação da identidade individual	
4. Produção/Geração/Convivência de mal-estar identitário	
5. Constituição da narrativa do sujeito	<i>Como só conhecemos o ator social através da narrativa do sujeito discursivo, esta hipótese desaparece e passa a ser o elemento-chave para começarmos a analisar a narrativa de acordo com as hipóteses levantadas.</i>
6. Explicitação das razões do sujeito: motivações e resistências	3- O sujeito procura redirecionar sua vida, atribuindo razões para agir diante do seu “destino social” através da expressividade e da reflexividade. Nesse contexto, ele calcula suas motivações e resistências.
7. Implementação do processo de libertação	4- Implementação do processo de libertação das amarras sociais ao lidar com as tensões existenciais e buscando atingir o núcleo identitário, sempre provisório.
8. Redefinição da prática das relações sociais	

Fontes: Bajoit (2012) e elaboração própria

Sobre as narrativas de vida da hipótese 5 (cinco) de Bajoit (2012), nos posicionamos para que elas não sejam consideradas uma hipótese, mas serem tomadas como material linguístico de análise, ou seja, discurso para identificar as hipóteses recontextualizadas no âmbito da ASCD.

Estudos de Bajoit (2006, 2012) sobre as narrativas são bem profícuos – ele se baseia também nas contribuições de Ricoeur (1997). Por meio das narrativas do Eu (de vida), o sujeito representa a si mesmo, construindo uma identidade narrativa (RICOEUR, 1997). Ricoeur também pontua que uma narrativa é uma interpretação de si, dos eventos que lhe ocorreram.

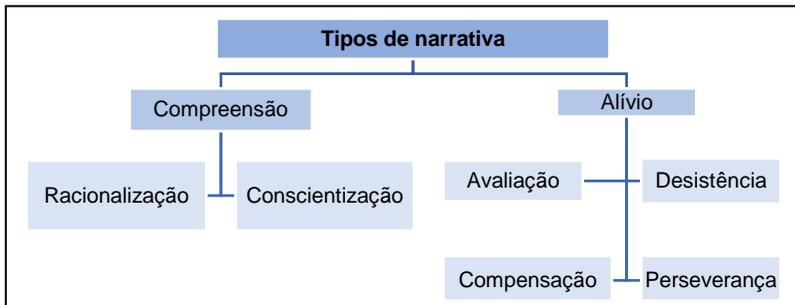
Tomando como presuposto os estudos epistemológicos da autobiografia, podemos elencar algumas asserções que nos ajudam a entender as narrativas do sujeito; separamos as seguintes:

- o conhecimento de si próprio é uma interpretação;
- a interpretação de si próprio, por sua vez, encontra na narrativa, entre outros signos e símbolos, uma mediação privilegiada,

– esta última serve-se tanto da história como da ficção, fazendo da história de uma vida uma história fictícia ou, se se preferir, uma ficção histórica, comparáveis às biografias dos grandes homens em que se mistura a história e a ficção. (RICOEUR, 2013, p. 2)

A narrativa torna-se, então, um escape para lidar com as tensões do mal-estar identitário, e estas podem, numa classificação ampla, ser de compreensão ou de alívio (BAJOIT, 2006, 2012; PEDROSA, 2012, 2013, 2014, 2020). Na figura a seguir, expomos os tipos de narrativa, com suas subdivisões, desenvolvidos por Bajoit (2006, 2012) e esquematizados por Alves (2023).

Figura 2: Tipos de narrativa apresentados por Bajoit na Socioanálise.



Fonte: Elaborada por Alves (2023) com base em Bajoit (2006; 2012).

Por meio de um quadro, a seguir, explicitaremos a conceituação de cada tipo de narrativa.

Quadro 7: Definição dos tipos de narrativa.

1. Narrativas de compreensão

As narrativas de compreensão têm como objetivo “explicar para si mesmo o que lhe aconteceu”, seja através da **racionalização** de suas tensões, seja pela tomada de **consciência** das forças do inconsciente que agem sobre ele. Esse é um exercício de regresso a si, seja a um passado distante ou recente (BAJOIT, 2012; PEDROSA, 2012, 2013, 2014, 2020).

1.1. Compreensão por racionalização

O sujeito interpreta os eventos de sua vida, narrando a si mesmo uma história que ele acredita ter sido um fato e que interpreta como verdadeira. Ele pode julgar que outros sujeitos ou atores foram responsáveis pelo que lhes ocorreu ou mesmo forças naturais (ou sociais) incontroláveis. Em determinadas circunstâncias, ele atribui a causa desses eventos a si mesmo, contudo, para não assumir plena responsabilidade, pode evocar suas características inatas ou seus traços adquiridos pela socialização (BAJOIT, 2012).

1.2. Compreensão por conscientização

O sujeito reflete sobre os elementos que o afetam internamente. Isso inclui interesses ilegítimos, hábitos internalizados e pulsões do inconsciente. “Dito de outra maneira, o sujeito se confronta com os aspectos ocultos de si mesmo, explorando as motivações e os impulsos que podem estar atuando em um nível inconsciente. Essa narrativa permite uma compreensão mais profunda de suas ações, revelando as complexidades e contradições presentes no seu inconsciente. Em algumas situações, o sujeito assume uma carga excessiva de culpa, ou busca aliviar-se do sentimento de culpa, ou se pune por suas transgressões, ou, de forma pior, reforça a convicção de sua incapacidade de agir e promover mudanças em si mesmo” (ALVES, 2023, p. 50).

2. Narrativas de alívio

Em consonância com Bajoit (2012), numerosos são os procedimentos narrativos que são ativados para aliviar o mal-estar identitário. Ele indica quatro: “o indivíduo *avalia* a importância do seu mal-estar e pode então considerar *desistir* de satisfazer as expectativas relacionais com as quais se sente frustrado, de *compensar* a insatisfação de uma pela satisfação da outra ou de *perseverar* no seu esforço para obter o que ele espera”.

2.1. Alívio por avaliação

O sujeito busca aliviar a gravidade do seu mal-estar. Ele pode intensificar a gravidade dos eventos que lhe ocorreram, sendo a vítima. Esse posicionamento também lhe traz alívio ao ter autopiedade. Em alguns momentos de otimismo, ele tende a minimizar seus problemas, convencendo a si mesmo de que foi apenas um acontecimento temporário. Ele pode até raciocinar que “esse mal veio para o bem” (BAJOIT, 2012).

2.2. Alívio por desistência

Bajoit (2012) aponta três vias:

- quando o sujeito afirma que a aparente desistência é apenas para avaliar melhor a situação;
- quando o sujeito prefere se distanciar, avaliando os benefícios dessa tomada de decisão;
- quando o sujeito consegue lidar com o luto (de forma positiva) diante de uma tentativa frustrada.

2.3. Alívio por compensação

O alívio por compensação acontece quando o sujeito supre a satisfação de uma expectativa frustrada por outra expectativa (por substituição ou por sublimação) (BAJOIT, 2012).

2.4. Alívio por perseverança

Neste tipo de narrativa de alívio, o sujeito consegue atingir um equilíbrio entre a vida que ele viveu e seu desejo de resolver uma expectativa em conflito (BAJOIT, 2012).

Fonte: elaboração própria com base em Bajoit (2012)

Como vimos, em suas narrativas de vida, os sujeitos buscam formas de suplantar o mal-estar identitário, criando narrativas que buscam soluções e compreensão de seus progressos, retrocessos, falhas e conquistas.

Nesse enquadre, julgamos também relevante a contribuição da Etnossociologia (Cf. BERTAUX, 2010) para os estudos de narrativas. Acrescentamos também Paiva (2008; 2019) quando defende que a pesquisa narrativa pode ser definida como um trabalho de cooperação entre pesquisador e pesquisado, no qual o pesquisado tem voz e vez para o sujeito relatar suas experiências.

Bertaux (2010) nos explica que a expressão “narrativa de vida” substituiu a expressão “história de vida”. A mudança foi necessária porque o termo “história de vida” não fazia diferença entre a história de fatos vividos pelo sujeito e a narrativa que ele constrói (interpretativamente) sobre o que viveu. Nessa perspectiva, defende o autor que a “narrativa de vida” traz uma noção mais adequada para a interpretação que o sujeito dá aos fatos que lhe ocorreram, descrevendo seus enfrentamentos e sua superação (Cf. BERTAUX, 2010).

Vamos nos ocupar agora em explicar a recontextualização operada nas hipóteses da Socioanálise para hipóteses recontextualizadas para um contexto linguístico-sociodiscursivo em estudos de grupos minoritizados.

Primeira hipótese: Identificação de queixas das amarras sociais devido à desigualdade social de seu grupo de pertença.

O sujeito busca no grupo de pertença as limitações e os desafios a enfrentar. Ao buscar essa identificação, o sujeito apresenta sua trajetória de vida, que “repete” a trajetória de vida de outros, e que passos pode dar além ou a que contexto precisou se submeter por não ter “recursos”⁹ para vencer as amarras. Ao buscar (re)constituir sua identidade pessoal, se apoia na identidade social (*habitus*, Bourdieu). Há, nesta hipótese, a atribuição de um “destino social” em que o sujeito, geralmente, se conforma com um destino social¹⁰, seguindo as expectativas do outro, como família,

⁹ No contexto aqui acionado, o termo “recurso” abrange as dimensões emocional (amor, proteção, conselhos, apoio, etc.), material (bem-estar material, recursos financeiros), intelectual (competências, informações etc.) e natural (tempo, saúde).

¹⁰ A expressão “destino social” se refere a quando o sujeito age apenas de acordo com as expectativas que os outros têm para ele (BAJOIT, 2012).

escola, igreja etc. (BAJOIT, 2006; 2012; PEDROSA, 2012; 2013; 2014; 2020). Aqui, ele pode (ou não) dar os primeiros passos para mudar seu “destino” quando toma consciência deste.

Segunda hipótese: (Re)constituição das identidades individuais central e periférica ao responder às expectativas relacionais.

As queixas das amarras sociais do sujeito o instigam a traçar objetivos para suas relações sociais com seu grupo subalterno e/ou com o grupo de poder, levando-o a colaborar, combater, ou mesmo cortar laços; a escolha dependerá se ele visa ao reconhecimento social ou se preza mais pela realização pessoal (BAJOIT, 2012). O direcionamento, em atender a esses dois bens, vai influenciar na sua constituição identitária de forma satisfatória ou vai gerar tensões existenciais, construindo e reconstruindo, provisoriamente, suas identidades, sempre circunstanciadas.

Raramente o sujeito, ao se tornar ator social, consegue atender simultaneamente aos dois bens (reconhecimento social e realização pessoal). Quando consegue o equilíbrio, na maioria das vezes momentâneo, ele constrói, desse modo, o núcleo central de sua identidade. A luta travada, interna e socialmente, gera as tensões existenciais diante das suas resistências (ou mesmo desistências) e alheias, trazendo em seu bojo outras identidades. Com isso, ele pode se tornar um ator social mais consciente de si e de sua luta e seus direitos, resolvendo, para aquela situação, suas tensões; contudo, ele pode “fracassar”, não encontrar forças e recursos para aquela luta específica; desse modo, surgem os sujeitos denegados socialmente, nos quais as tensões existenciais predominam na constituição de suas identidades (sobre as esferas identitárias, ver tópico anterior).

Terceira hipótese: Redirecionamento da vida, atribuindo razões para o agir diante do “destino social” ao qual foi submetido como sujeito, por meio da expressividade e da reflexividade.

O sujeito atribui motivos para agir diante do seu “destino social” por meio da expressividade e da reflexividade. Nesse contexto, calcula suas motivações e resistências para decidir enfrentar e romper com seu “destino social” se essa for a sua escolha após uma reflexão sobre a situação, escolhendo o que é bom para si e ponderando se tem recursos para tal (BAJOIT, 2006, 2012; PEDROSA, 2012, 2013, 2014, 2020). No caso,

tanto a expressividade quanto a reflexividade são essenciais para que o indivíduo se torne sujeito de si mesmo, fortalecendo sua decisão de agir.

A expressividade está ligada ao impulso culturalizado, situando-se como instinto vital que move o sujeito a responder às demandas de sua essência. É, sem dúvidas, a expressividade que o auxilia a suplantar as resistências e, assim, fortalecer suas motivações para agir. Já a reflexividade o ajuda a se afastar das influências de qualquer modelo cultural que possa enfraquecer suas resistências, seja através de processos culturais ou psicológicos. Por meio da reflexividade, o sujeito consegue enfrentar as resistências e é capaz de superar sua própria hesitação para uma tomada de decisão consciente, fortalecendo a mudança que quer para si em busca de seu núcleo identitário.

Quarta hipótese: Implementação do processo de libertação das amarras sociais

Nesta quarta hipótese, ao lidar com as tensões existenciais e buscando atingir o núcleo identitário, sempre provisório, o sujeito implementa, em sua vida, o processo de libertação das amarras sociais. Essa tomada de atitude o torna sujeito de si, um ator social que se afasta de seu “destino social” e faz suas próprias escolhas, definindo seu papel nas relações sociais que o “moldaram”. O caminho para alcançar esse núcleo identitário pode tê-lo forçado a vivenciar várias tensões existenciais, perpassando desde a zona de submissão até a zona de insubmissão. Contudo, ele fez sua própria história, sua própria escolha, que o colocam na esfera identitária (comprometida/engajada, desejada ou atribuída) que escolher, não as que lhe são impostas. Ele pode até se inserir na esfera atribuída, de reconhecimento social, desde que seja fruto de sua tomada de decisão, que se fundamentou em sua reflexividade e não nas amarras sociais.

Em resumo, eis o que propomos no quadro a seguir:

Quadro 8: As hipóteses da análise linguístico-sociodiscursiva da Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso.

HIPÓTESES DA ANÁLISE LINGÜÍSTICO-SOCIODISCURSIVA
<i>Primeira hipótese:</i> Identificação de queixas das amarras sociais devido à desigualdade social de seu grupo de pertença.
<i>Segunda hipótese:</i> (Re)constituição das identidades individuais central e periférica ao responder às expectativas relacionais.

Terceira hipótese: Redirecionamento da vida, atribuindo razões para o agir diante do “destino social” ao qual foi submetido como sujeito, por meio da expressividade e da reflexividade.

Quarta hipótese: Implementação do processo de libertação das amarras sociais.

Fonte: Autoria própria (2023).

O quadro apresentado é uma resposta da pesquisadora diante da dificuldade de aplicar as oito hipóteses da proposta de Bajoit (2012) nos projetos e artigos científicos que já publicou.

5. Conclusão

Diante do caminho que percorremos neste texto, esperamos que tenha aclarado para os leitores o que pretendemos ao anunciar o objetivo na introdução, qual seja: recontextualizar, para aplicação na Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso, a orientação analítica das hipóteses da Socioanálise. Como acompanhamos, a proposta da Socioanálise de Bajoit (2012) centra-se na relação de socialização do sujeito em seu trabalho de (re)constituição de sua identidade individual. Reforçando a pontuação estabelecida, a Socioanálise procura desvelar como se constrói, na vida do sujeito, a prática das relações sociais, e isso nos conduz a conhecer ou interpretar como esses sujeitos se constituem como atores sociais.

Atendendo ao nosso objetivo, levamos os leitores a conhecerem as hipóteses da Socioanálise por seu viés original, segundo propôs o sociólogo em estudo. Em seguida, as descontextualizamos para o campo da Análise Crítica do Discurso – ACD, especificamente como sugestão analítica da Abordagem Sociológica Comunicacional do Discurso – ASCD, e a reconstruímos tendo como foco abarcar as narrativas de vida de grupos minoritarizados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Fabíola. *A avaliação na linguagem: os elementos de atitude no discurso do professor, um exercício em análise do discurso sistêmico-funcional*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

ALVES, Juliana Barbosa. Construções identitárias do sujeito surdo: narrativas do eu dos discentes do curso de Letras Libras. *Relatório (Iniciação Científica)*, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021. 57p.

_____; PEDROSA, Cleide Emília Faye. Análise Crítica do Discurso e construção identitária: histórias de vida de sujeitos Surdos do curso de Letras Libras da Universidade Federal de Sergipe. In: V Congresso Internacional de Letras. *Anais...* Resumo. Araraquara-SP: Letraria, 2022a. p. 133-134. Disponível em: <http://conilufma.com.br/download/2022/CONIL-caderno-de-resumos.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2023.

_____; _____. Reinvidicação por uma educação de qualidade: narrativas do eu de alunos Surdos do curso de Letras Libras da UFS. In: Simpósio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários. *Anais...* Resumo. Uberaba (MG) UFTM, 2022b. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/selluftm/487435-reinvidicacao-por-uma-educacao-de-qualidade-narrativas-do-eu-de-alunos-surdos-do-curso-de-letras-libras-da-ufs/>. Acesso em: 30 ago. 2023.

_____; _____. *Um estudo decolonial das (re)construções identitárias do sujeito surdo*: narrativas do eu dos discentes do curso de Letras Libras. 2023. (Texto inédito).

BAJOIT, Guy. *Tudo muda*: proposta teórica e análise da mudança socio-cultural nas sociedades ocidentais contemporâneas. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2006.

_____. *El cambio social, análisis sociológico del cambio social y cultural en las sociedades contemporâneas*. Madrid: Siglo, [2003] 2008.

_____. La tiranía del Gran ISA. Revista eletrônica: Cultura e representações sociais, ano 3, n. 6, México, 2009a. Disponível em: <http://www.culturays.org.mx/revista/num6/Bajoit.html>. Acesso em: 30 ago. 2023.

_____. *Socio-analyse des raisons d'agir*: études sur liberte du sujet et l'acteur. Québec, Canadá: Les Press de l'Université Laval, 2009b.

_____. *Vers une théorie socio-analytique de la relation sociale*. 2012. (Texto inédito cedido pelo autor).

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; SOUZA, Maria Medianeira de. *Transitividade e seus contextos de uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTIN, James R.; WHITE, Peter R. R. *The language of evaluation*: appraisal in English. London: Palgrave, 2005.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. *Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD)*: uma corrente para fazer Análise Crítica do Discurso. PARTE 1: herança teórica da Sociologia (Aplicada) para a Mudança

Social. 2012a. Disponível em: <http://www.ascd.com.br/>. Acesso em: 30 ago. 2023.

_____. *Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD):* contribuição aos estudos das identidades e dos sujeitos. 2012b. Disponível em: <http://www.ascd.com.br/>. Acesso em: 30 ago. 2023.

_____. *Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso:* caminhos de análises no campo da Análise Crítica do Discurso. 2012c. disponível em: <http://www.ascd.com.br/>. Acesso em: 30 ago. 2023.

_____; BAJOIT, Guy. La tiranía del gran ISA. Cultura e representações sociais, 6: 9-24, México, 2009. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 216-223, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/11875>. Acesso em: 30 ago. 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SEVERO, Cristine Gorski. Política(s) Linguística(s) e questões de poder. *Alfa Revista de Linguística*, v. 57, n. 2, São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2013, p. 451-473.

WALSH, Catherine. *Interculturalid crítica y educación intercultural*. Seminario “Interculturalidad y Educación Intercultural”, organizado por el Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, La Paz, 9-11 de março de 2009.